

O Oásis	143	O Pão	177
A Praia	145	O Prato	179
A Enchente	147	A Refeição	181
A Água	149	A Visita	183
O Vôo	151	A Mesa	185
A Capina	153	A Noite	187
A Poda	155	A Candéia	189
O Malhadouro	157	A Lâmpada	191
A Lagarta	159	O Luar	193
A Aranha	161	O Orvalho	195
A Boneca	163	A Lâ	197
O Remédio	165	A Capa	199
O Incêndio	167	O Faroleiro	201
A Tempestade	169	O Cemitério	203
A Caçarola	171	O Silêncio	205
A Vidraça	173	O Despertador	207

A GRANDE FAZENDA

"E ele repartiu por êles a fazenda".
JESUS-LUCAS, 15:12.

A natureza é a fazenda vasta que o Pai entregou a todas as criaturas. Cada pormenor do valioso patrimônio apresenta significação particular. A árvore, o caminho, a nuvem, o pó, o rio, revelam mensagens silenciosas e especiais.

E preciso, contudo, que o homem aprenda a recolher-se para escutar as grandes vozes que lhe falam ao coração.

A natureza é sempre o celeiro abençoado de lições maternais. Em seus círculos de serviço, cousa alguma permanece sem propósito, sem finalidade justa.

Eis a razão pela qual o trabalho de Casimiro Cunha se evidencia com singular importância. O coração vibrátil e a sensibilidade aparada conchegaram-se a Jesus, por trazer aos ouvidos dos companheiros encarnados algumas notas da universal sinfonia.

Esta cartilha amorosa relaciona, em rimas singelas, alguns canticos da fazenda divina que o Pai nos confiou. Envolvendo expressões na luz infinita do Mestre, Casimiro dá notícias das cousas simples, cheias de ensino transcendental. No relatorio musicalizado de sua alma sensível o milharal, o pântano, a árvore, o ribeiro, o malhadouro, dizem alguma cousa

Cartilha da Natureza

de sua maravilhosa destinação, revelando sugestões de beleza sublime. E' o ensino espontâneo dos elementos, o alvitre das paisagens que o hábito vulgarizou, mas se conservam repletas de lições sempre novas.

O trabalho valioso do poeta cristão dispensa comentários e considerações.

Entregando-o, pois, ao leitor amigo, não temos outro objetivo senão lembrar a fazenda preciosa que se encontra em nossas mãos.

A natureza é o livro de páginas vivas e eternas.

Em abrindo a cartilha afetuosa de Casimiro, recordemos Aquele que veio à Terra, começando pela mangedoura; que recebeu pastores e animais como visita primeira; que foi anunciado por uma estrela brilhante; que ensinou sobre as águas, orou sobre os montes, escreveu na terra, transformou a água simples em vinho do júbilo familiar; que aceitou a cooperação de um burro para receber homenagens do mundo; que meditou num horto, agonizou numa colina pedregosa, partiu em busca do Pai através dos braços de um lenho ríspido e ressuscitou num jardim.

Relembremos semelhantes ensinos e recebamos a fazenda do Senhor, não como o filho pródigo que lhe desbaratou os bens, mas como filhos previdentes que procuraram aprender sempre, enriquecendo-se de tesouros imortais.

EMMANUEL.

Pedro Leopoldo, 20 de Maio de 1943.

A FAZENDA

O dia vem longe ainda,
Fulgura o brilho estelar...
Mas nos campos da fazenda
E' hora de trabalhar.

O dever chama aos serviços
Da luta risonha e sã,
Na divina voz das aves
Que cantam pela manhã.

A tarefa atinge a todos
Nos roçados, no paiol,
Tudo expressa movimento
Precedendo a luz do sol.

Ali corta-se, acolá
Dispõe-se de novo a leira,
Aqui, combate-se os vermes
Que atacam a sementeira.

Ninguem pára. Todos lutam.
Ha cantares da moenda,
Contando a história do açúcar
Nos caminhos da fazenda.